

Narrativas de trabalho e trajetividade diante da inteligência artificial: percepções e transformações das carreiras na era das IAs generativas

Luiz Joaquim Nunes

Mestre e doutorando em Psicologia Social e do Trabalho no IP-USP

Bacharel em Matemática Aplicada e Computacional no IME-USP

Resumo

O avanço recente das inteligências artificiais generativas tem intensificado debates sobre seus impactos no mercado de trabalho e sobre a possível substituição ou transformação de atividades humanas. Este estudo investiga como essas transformações são percebidas pelos indivíduos a partir das narrativas construídas em torno de suas próprias carreiras. O objetivo é analisar de que maneira discursos sobre automação e inteligência artificial influenciam a forma como trabalhadores compreendem o futuro de seus trabalhos e constroem trajetórias profissionais.

Para isso, o estudo articula referências sobre os impactos da automação no emprego com os conceitos de narratividade e trajetividade, entendidos como formas pelas quais indivíduos organizam simbolicamente suas experiências ao longo do tempo. Além disso, é explorada a distinção entre simulação e emulação em sistemas de inteligência artificial como um possível instrumento conceitual para esclarecer limites e possibilidades dessas tecnologias no contexto do trabalho humano. Argumenta-se que as narrativas sobre a substituição tecnológica podem gerar insegurança e distorções na percepção das transformações reais do trabalho.

Nesse sentido, compreender a relação entre narrativas, trajetividade e tecnologia pode contribuir para uma interpretação mais crítica das mudanças em curso, oferecendo instrumentos conceituais que auxiliem indivíduos a lidar com as transformações provocadas pela inteligência artificial em suas trajetórias profissionais.

Palavras-chave: inteligência artificial, trabalho e tecnologia, narrativas de carreira, trajetividade, automação

Texto

Poucos meses após o lançamento do ChatGPT, a OpenAI previu que 80% dos trabalhadores dos Estados Unidos teriam ao menos 10% de suas atividades afetadas pela introdução de GPTs, e cerca de 19% dos trabalhadores teriam ao menos 50% das atividades impactadas (OpenAI, 2023). Em meio às dúvidas quanto a quais atividades as IAs generativas poderiam assumir e a outros fatores do mercado, não apenas trabalhos mais operacionais estariam em risco, e mesmo o mercado de trabalho em tecnologia teve uma grande onda de demissões em massa em 2023 (Layoff Brasil, 2023).

A criação de empregos por conta da disponibilidade do ChatGPT, contudo, não acompanha a velocidade da destruição de outros (Papp, 2023), seja por conta da automação de tarefas ou da redução por antigas demandas, assim como comumente ocorreu com a inserção de tecnologias em outros momentos da história (Headrick, 2009), como a energia elétrica, a máquina de datilografia, o computador, etc. Essas transformações no mercado de trabalho são consequência já esperada do surgimento de tecnologias, e podem variar em escala de acordo com muitas variáveis, como sua acessibilidade, sua eficiência e sua aplicabilidade em diferentes contextos (Roser, 2022).

No caso das inteligências artificiais generativas sendo disponibilizadas através da internet e de modo parcialmente gratuito, ao menos as variáveis mais comuns dariam a tais tecnologias uma vantagem para que conseguissem um grande impacto e assim essas transformações se fizessem na escala com que vêm ocorrendo, realmente.

Gmyrek, Berg e Bescond (2023) discutem que o impacto potencial dos avanços recentes dessas tecnologias sobre os mercados de trabalho em diferentes contextos globais. Afirmam que, embora o impacto da automação seja mais pronunciado em países de alta renda e em ocupações específicas, os efeitos gerais das tecnologias emergentes ainda seriam incertos. Sua análise sugere que a automação poderá resultar mais em aumento de funções (ou seja, em aprimorar as tarefas dos trabalhadores) do que em substituição de postos de trabalho.

Eles propõem que, em países de alta renda, setores como trabalhos administrativos e para-profissionais serão mais impactados, enquanto países de renda média e baixa enfrentarão menos exposição, embora ocupações específicas, como o trabalho em *call centers*, possam ser afetadas, especialmente na Índia e nas Filipinas. Esses países, conhecidos por sua forte presença na indústria de call centers, correm o risco de ver perdas substanciais de empregos, com

possíveis impactos econômicos significativos, como evidenciado pelo estudo de caso na Holanda sobre perdas salariais devido à automação.

Além disso, enfatizam a necessidade de políticas para lidar com as transições dos trabalhadores afetados, seja pela automação ou pelo aumento das funções. Políticas de diálogo social e consulta entre empregadores e empregados seriam fundamentais para mitigar os efeitos negativos, promovendo treinamento e requalificação da força de trabalho. Também chamam atenção para os efeitos desiguais da automação em termos de gênero, com mulheres sendo mais afetadas pela automação em países de alta renda, particularmente em ocupações predominantemente femininas, como no setor de cuidados.

A qualidade dos novos empregos criados também é uma questão importante. O treinamento de modelos depende fortemente do trabalho de microtarefas, que frequentemente ocorre em plataformas de trabalho digital. Esses trabalhos, realizados por trabalhadores em plataformas de *crowdsourcing*, são mal remunerados e carecem de benefícios e proteções trabalhistas adequadas. A discussão sobre a regulação da IA no local de trabalho deve considerar esses impactos, visando garantir que as novas tecnologias não exacerbem desigualdades no ambiente de trabalho, como a intensificação da gestão algorítmica, que pode restringir a autonomia dos trabalhadores.

Eles alertam também sobre o desafio da divisão digital entre países de alta e baixa renda, destacando que a falta de infraestrutura digital em países em desenvolvimento pode limitar os benefícios das novas tecnologias, como a IA, para muitas economias. Por outro lado, os países em desenvolvimento têm potencial para aproveitar novas ondas tecnológicas para fomentar o crescimento e criar novas oportunidades, como demonstrado por exemplos de inovação tecnológica em países africanos e asiáticos.

Para gerenciar esses impactos, são necessárias políticas públicas robustas que incluam o fortalecimento do diálogo social, treinamento, requalificação e regulação do uso da tecnologia no local de trabalho. O foco, assim sendo, deve ser não apenas na adaptação dos trabalhadores, mas também na garantia de que os novos empregos sejam de qualidade e que as desigualdades digitais sejam enfrentadas.

Segundo Pasquinelli e Joler (2020), o trabalho humano desempenha um papel fundamental na constituição da inteligência artificial, pois os dados utilizados para o treinamento de modelos de aprendizado de máquina são representações de habilidades, atividades e comportamentos humanos, refletindo a divisão do trabalho social. Conjuntos de dados de treinamento, como os usados em reconhecimento de imagem ou em ciência, dependem

diretamente de tarefas executadas por indivíduos em contextos específicos, como motoristas, guardas ou cientistas.

Assim, a inteligência das máquinas tem sua origem na divisão do trabalho, com o objetivo primordial de automatizar essas funções. A história técnica da computação remonta ao século XIX, onde se buscava mecanizar o trabalho mental, como o cálculo manual, e desde então tem envolvido vigilância e controle do trabalho, além de otimização do valor do trabalho humano e planejamento de comportamentos coletivos. A IA, como um aparato de poder, manifesta-se hoje nas tecnologias de identificação e predição, mas sua principal anomalia reside na desorganização do trabalho, que precisa ser constantemente computada.

Com a emergência constante de novas ferramentas de inteligência artificial disponíveis para uso nos trabalhos realizados por humanos, as narrativas quanto à aplicação dessas tecnologias nesses trabalhos também ganham tração, tenham elas o tom transformador ou preservador que tiverem. Mas cercadas por essas narrativas estão pessoas que, na apreensão quanto a terem seus trabalhos transformados ou preservados, podem ter maiores dificuldades em enxergar o futuro de seus trabalhos e, portanto, de suas carreiras.

Além da conceituação de narrativa, como discutida por Schiff (2012), o conceito de *trajetividade* pode ser um valioso complemento para a análise desse efeito. A trajetividade diz respeito, em resumo, à definição e à construção do trajeto ao longo dele próprio, tanto numa dimensão física quanto na simbólica.

Quando tomamos a narratividade e a trajetividade em conjunto, é possível observar que as narrativas se transformem ao longo dos trajetos e transformem-os em retorno, de forma sistêmica e alternada, literalmente entrelaçada. O uso dessa conjunção teórica, ao invés da narratividade em separado, pode ajudar a melhor endereçar a questão do passado cumprir seu papel na narrativa “conforme compreendido no presente”, como argumentado por Cohler (1982) e destacado por Schiff (2012).

Para alguém que encara a possibilidade de uma nova tecnologia alterar ou “ameaçar” sua carreira, por exemplo, é válido tanto que a carreira é a narrativa pessoal em torno do seu trabalho quanto que a trajetividade discrimine as transformações nessa narrativa ao longo do tempo, compondo um conjunto de narrativas sobre o trabalho dessa pessoa, substituídas uma pela outra no decorrer de sua vida. Mas, para tratar se a carreira seria apenas a última narrativa adotada pelo indivíduo ou todo esse conjunto de narrativas, cabe uma análise mais longa. A adoção da trajetividade como um instrumento auxiliar para a análise traz consigo essa alternativa.

Uma outra conceituação que pode colaborar para minimizar o sofrimento dessas pessoas está na diferenciação entre *simulações* e *emulações* realizadas por inteligências artificiais (Nunes, 2023). Há problemas que são solucionáveis apenas na ordem lógica e algébrica, como o cálculo de uma taxa ou a previsão meteorológica, enquanto outros, como a identificação das emoções e dores sentidas por outro indivíduo, carecem de aparatos aos quais os seres humanos possuem acesso, ao contrário de máquinas. No primeiro caso, uma IA pode emular a operação que um indivíduo realizaria, podendo ter maior autonomia no processo; já no segundo, o máximo que uma IA pode fazer é simular a operação de algum modo, o que inviabiliza que uma máquina realize tal trabalho por conta própria.

Como nem sempre o que uma inteligência artificial está fazendo fica totalmente claro às pessoas ao redor dela, essa diferenciação raramente acontece, o que alimenta uma narrativa nas organizações de que muitos trabalhos possam efetivamente ser realizados por máquinas, sem risco algum. A compreensão dessa diferença, porém, pode ser um instrumento que colabore para que pessoas entendam como seus trabalhos podem ou não ser afetados por certas tecnologias, e assim possam pensar nos trajetos de suas carreiras com menos receios e perturbações. Essa seria, assim, uma alternativa educacional para viabilizar uma trajetividade menos turbulenta e com maior propriedade dos indivíduos para operarem sobre suas narrativas.

Referências

COHLER, B. J.. **Personal narrative and life course**, em BALTES, P. & BRIM, O.G. (eds.), **Life-span development and behavior: Vol. 4**. New York, NY: Academic Press, 1982.

GMYREK, Paweł, BERG, Janine & BESCOND, David. **Generative AI and Jobs: A global analysis of potential effects on job quantity and quality**. ILO Working Paper 96. 2023. Disponível em <https://www.ilo.org/publications/generative-ai-and-jobs-global-analysis-potential-effects-job-quantity-and> .

HEADRICK, Daniel. **Technology: A World History**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Layoff Brasil: dados abertos sobre demissões em massa, no site **Layoff Brasil**. Disponível em <https://layoffbrasil.com/layoffs/por-setor/tecnologia/> .

NUNES, Luiz J.. **Artifício: Um estudo introdutório dos aspectos psicossociais da artificialização das inteligências**. São Paulo: Dialética, 2023.

OpenAI API, por **OpenAI**, em 11/06/2020. Disponível em <https://openai.com/blog/openai-api> .

PAPP, Anna Carolina. **ChatGPT: ‘Destruição de empregos é rápida e visível, já criação é lenta e invisível’, diz Pastore**, no jornal **Estadão**. 2023. Disponível em <https://www.estadao.com.br/economia/entrevista-jose-pastore-chatgpt-emprego/> .

PASQUINELLI, Matteo & JOLER, Vladan. **O Manifesto Nooscópio: Inteligência Artificial como Instrumento de Extrativismo do Conhecimento**. Tradução de Leandro Módolo & Thais Pimentel. 2020. Disponível em <https://lavits.org/o-manifesto-nooscopio-inteligencia-artificial-como-instrumento-de-extrativismo-do-conhecimento/> .

ROSER, Max. **The brief history of artificial intelligence: the world has changed fast - what might be next?**, em **OurWorldinData.org**, 2022. Disponível em <https://ourworldindata.org/brief-history-of-ai> .

SCHIFF, Brian. **The Function of Narrative: Toward a Narrative Psychology of Meaning**, em **Narrative Works: Issues, Investigations, & Interventions**, 2012. Disponível em <https://journals.lib.unb.ca/index.php/NW/article/view/19497> .